

## **“De tempos em tempos...” eis a sua família**

### **Heidi Miriam Bertolucci Coelho**

Psicóloga do Centro de Psicologia e Pesquisa Aplicada “Dr<sup>a</sup>. Betti Katzenstein” – CPPA/UNESP/ASSIS. Doutoranda pela Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – Campus de Assis. Especialista em Psicologia Clínica. Candidata aprovada ao Instituto Brasileiro de Psicanálise.

End.: R. São Paulo, 330. Centro. CEP: 19.800-000.

E-mail: heidi.miriam@yahoo.com.br

### **Resumo**

*Este artigo discorre sobre a construção da subjetividade, relacionando-a com a temporalidade das questões históricas e sociais que marcaram cada época do desenvolvimento da humanidade. Desde o homem da Antiguidade, da Idade Média, do Iluminismo e do Modernismo, assistimos as transformações que marcaram a passagem de um tempo para outro. Esse processo de evolução e revolução sempre denotou linearidade, uma linha contínua de avanços e saltos, gerando transformações na vida íntima e psíquica do homem; até então, o homem era visto como dono do mundo e a ciência em função dele. A subjetividade construída nos primórdios da modernidade tinha seus eixos constitutivos nas noções de interioridades e reflexão sobre si mesma. Em contrapartida, o que agora está em pauta é uma leitura da subjetividade em que o autocentramento se conjuga de maneira paradoxal com o valor da exterioridade. Nas últimas décadas, assistimos à constituição de uma nova cartografia do social, em que a fragmentação da*

*subjetividade ocupa posição fundamental. Esta fragmentação é não só uma forma nova de subjetivação, mas a matéria-prima por meio da qual outras modalidades de subjetivação são forjadas. Na pós-modernidade, já não falamos de inovação e transformação impulsionadas para o bem do homem, mas, de um processo de mutação do homem e do mundo em que ele vive.*

*Palavras-chave: Subjetividade. Tempo. Cultura contemporânea. Família. Desenvolvimento da humanidade.*

### **Abstract**

*This article discusses the construction of subjectivity, linking it to the temporality of historical and social issues that marked each era of the development of humanity. Since the man of Antiquity, of the Middle Ages, of the Enlightenment and the Modernism, people have witnessed the changes that marked the passage from one time to another. This process of evolution and revolution has always denoted linearity, a continuous line of progress and leaps, causing changes in the intimate and emotional life of man; up to that point, man was seen as owning the world and science was thought of as existing because of him. The subjectivity constructed in the early days of modernity had its basis on notions of interiority and reflection on itself. However, what is actually highlighted is a reading of subjectivity in which the self centering is paradoxically combined with the value of the externality. In the last decades, a new social picture has been formed, in which the fragmentation of subjectivity occupies key position. This fragmentation is not only a new way of subjectivation, but the raw material through which other forms of subjectivation are forged. In post-modernity, innovation and transformation are no longer considered driven for the good of man, but a process of mutation of man and of the world in which he lives.*

*Keywords: Subjectivity. Time. Contemporary culture. Family. Humanity development.*

“... Pela primeira vez na história, entramos em um mundo que, concebido pelo homem, certamente não é regido por ele, mais pela ciência poder...” (Adauto Novaes).

A necessidade de repensar os suportes que sustentam a compreensão da subjetividade contemporânea constitui a motivação central desse trabalho. As novas modalidades de subjetivação da sociedade atual nos revelam que vivemos em um mundo perturbado e conturbado, diante do qual, nossos instrumentos de leitura ficam insuficientes no que concerne à interpretação dos conflitos e da construção das relações humanas no cotidiano.

Nas últimas décadas, assistimos à constituição de uma nova cartografia do social, em que a fragmentação da subjetividade ocupa posição fundamental. Esta fragmentação é não só uma forma nova de subjetivação, mas a matéria-prima por meio da qual outras modalidades de subjetivação são forjadas. De acordo com Birmam, “em todas essas novas maneiras de construção da subjetividade, o eu se encontra situado em posição privilegiada. No entanto, esse autocentramento do sujeito no eu assume formas inéditas, sem dúvida, se considerarmos a tradição do séc. XVII” (Birmam, 2007, p. 23).

Com efeito, a subjetividade construída nos primórdios da modernidade tinha seus eixos constitutivos nas noções de interioridades e reflexão sobre si mesma. Em contrapartida, o que agora está em pauta é uma leitura da subjetividade em que o autocentramento se conjuga de maneira paradoxal com o valor da exterioridade. Nessa perspectiva, as formulações de Lasch (1979) e Debord (1992) sobre a existência de uma cultura do narcisismo e da sociedade do espetáculo são instrumentos importantes para que possamos realizar a leitura das novas formas de subjetivação na atualidade. É possível que estejamos vivendo uma época de esgotamento de tudo aquilo que tínhamos como representação de segurança, estabilidade e conhecimento.

A sociedade atual dita pós-moderna, tem sido caracterizada por seu poliformismo, complexidade, desterritorialização e incertização. Afirma Baumann (2005) que estamos agora passando da fase “sólida” da modernidade para a fase “fluida”. E os “fluidos” são assim chamados porque não conseguem manter a forma por muito tempo e, a menos que sejam derramados num recipiente apertado, continuam mudando de forma sob a influência até mesmo das menores forças.

Num ambiente fluido, não há como saber se o que nos espera é uma enchente ou uma seca – é melhor estar preparado para as duas possibilidades. Não se deve esperar que as estruturas, quando disponíveis, durem muito tempo. Não serão capazes de agüentar o vazamento, a infiltração, o gotejar, o transbordamento – mais cedo do que se possa pensar, estarão encharcadas, amolecidas, deformadas e decompostas (Bauman, 2005, p.57).

Para melhor compreensão do que está no fundamento da construção da subjetividade na atualidade, convidamos o leitor à um passeio pela História, um mergulho no tempo... tempo esse muito, muito remoto...

Eu disse: vai e vive feliz para sempre e lembra-me  
no tempo que o amor foi nossa presa.  
se não, te lembro agora: com violeta e rosas teci a tua  
trança:  
um o que só do seio alastra incêndios;  
teu colo eu quis guirlanda de flor corando flor;  
e ungüentos raros - olor vindo de longe que só rainha aroma  
brilhei-te; minha mão te adormeceu na mais macia cama  
(fragmento de **Sappho**)

Estamos em plena Idade Média... e para se compreender bem a sociedade medieval, um bom caminho é estudar sua organização familiar. Aí está centrada a característica do Medievo: a dinâmica da relação familiar, é o modelo que define qualquer relacionamento desta época. Na legislação, nos costumes, todas as disposições tomadas tratam do bem da família, do interesse da linhagem – ou, alargando esta noção familiar a um círculo maior, ao interesse do grupo, da corporação, que nada mais é que uma grande família, fundada sobre o mesmo modelo da família propriamente dita. Os pais de família unem em torno de si todos os seres que, por seu nascimento, fazem parte do seu domínio patrimonial. A história da feudalidade é a história de suas principais famílias, não é o homem que está no centro, porém seu grupo familiar, com suas conquistas e lutas alicerçadas pelo poder de sua genealogia.

Para melhor entender a importância desta base da sociedade medieval, composta de famílias, vamos brevemente compará-la, com outros modelos de agrupamentos de indivíduos.

Na sociedade greco-romana o homem é que conta; na vida pública ele é o cidadão, que vota, que faz as leis e toma parte dos negócios do Estado; na vida privada ele é o proprietário de um bem que lhe pertence pessoalmente (paterfamilias), do qual ele é o único responsável e sobre os quais ele possui atribuições mais ou menos ilimitadas. Nunca se constata uma participação de sua família ou de seu parentesco nestas atribuições. Sua mulher e seus filhos lhe são inteiramente submissos e guardam um estado de menoridade perpétua; ele tem sobre eles, como sobre seus escravos ou sobre seus bens fundiários, o poder de usar e abusar (jus utendi et abutendi). A família parece só existir em estado latente; ela só vive pela personalidade do pai, ao mesmo tempo chefe militar e sacerdote-mor; e isso com todas as conseqüências morais que decorrem, entre elas também o infanticídio legal. Aliás, na antiguidade, a criança é a grande sacrificada: ela é um objeto cuja vida depende do juízo e do capricho paternal. Ela está submetida a todas as eventualidades de uma troca ou de uma adoção, e quando o direito à vida lhe é cedido, fica na dependência do paterfamilias até a morte deste; mesmo então ele não herda de pleno direito, pois seu pai pode dispor de seus bens em testamento a seu grado. Quando o Estado se interessa por uma criança, nunca será para intervir em seu favor, mas tão somente para formar o futuro soldado ou o cidadão.

Já, na Idade Média nada disso subsiste, nela o que importa não é mais o homem, mas a linhagem, existe uma migração clara nos valores sociais onde a preponderância da vida privada move-se para a vida pública.

Tal como se apresenta desde o século X, a sociedade assim compreendida tem como traço essencial à noção de solidariedade familiar. A família é considerada como um corpo onde corre, em todos seus membros, o mesmo sangue — ou como um mundo reduzido, com cada ser cumprindo a sua parte, consciente de fazer parte de um todo. A união não se estabelece mais, como na antiguidade romana, por uma concepção estatista da autoridade de seu chefe, mas por este fato de ordem biológica e também moral: todos os indivíduos que compõem uma mesma família são unidos pela carne e pelo sangue, seus interesses são solidários, e nada é mais respeitável que a afeição natural que os anima, uns pelos

outros. É muito vivo o sentimento deste caráter comum dos seres de uma mesma família.

A união familiar se expressa na construção do próprio habitat da época que traduz este sentimento de união: a principal peça da casa é a sala; ela preside, com sua vasta lareira, às reuniões de família, a sala onde se reúnem para as refeições, para as festas de casamento ou aniversário e também para velar os mortos.

A soma de uma série de elementos sociais, econômicos e culturais permanecem estáveis por longos períodos de tempo, porém, de tempos em tempos, ocorre um período de desequilíbrio, incertezas e instabilidade, delineando o anúncio de um outro período de transição, trazendo rupturas com o antigo, antes que uma nova acomodação e estabilidade ocorram. Assim foi a passagem da Idade Média para a Idade Moderna que não se realizou sem traumas, mas sim através de uma turbulência. (Bion, 1957).

W. Bion, psicanalista inglês, escreve sobre estes fenômenos sociais ao desenvolver os conceitos de mudança catastrófica (Bion, 1959). Mudança catastrófica é uma expressão escolhida por Bion para assinalar uma conjunção constante de fatos, cuja realização pode encontrar-se em diversos campos; entre eles, a mente, o grupo, a sessão psicanalítica e a sociedade. Os fatos a que se refere a conjunção constante podem ser observados quando aparece uma idéia nova (...) a idéia nova contém, para Bion, uma força potencialmente disruptiva que violenta, em maior ou menor grau, a estrutura do campo em que se manifesta. Uma estrutura se transforma em outra através de momentos de desorganização, sofrimento e frustração; o crescimento estará sempre em função dessas vicissitudes...

Dessa maneira, é necessário reconhecer as mudanças cruciais ocorridas de tempos em tempos, que influenciaram fortemente a produção da subjetividade inscrita na rede familiar. Avançando ainda em nossa viagem, tempo não tão remoto, mas, tempo já próximo, estamos então, no tempo da modernidade...

A família moderna se iniciou na passagem do século XVIII para o século XIX, identificando-se assim com o incremento do poder social assumido pela burguesia na tradição ocidental. Essa configuração de família foi denominada nuclear ou burguesa, indicando então com isso a sua ruptura com a família pré-moderna.

A família pré-moderna foi denominada extensa pelos historiadores e cientistas sociais, já que conviviam no mesmo espaço diferentes gerações, além do casal parental, acompanhado dos filhos e dos agregados. A autoridade do pai era quase absoluta e incontestável, como a figura do rei no espaço público, aliás, condensando então o *pater potestas* (Áriès & Chartier, 1991) o poder soberano estava no seu auge (Foucault, 1974). A figura da mulher apresentada somente como mero apêndice nesta estrutura, corpo que se presta para a mera reprodução da prole, não obstante certos avanços face à mulher realizados pelo Cristianismo.

Ao longo do século XVIII algumas transformações importantes começaram a se evidenciar, no sentido da constituição de espaços de privacidade no campo da família. Assim, os pais começaram a possuir um espaço privado no interior da casa, no qual a intimidade seria preservada. Os filhos, que viviam anteriormente numa mistura promíscua com os pais, passaram a ter também um quarto privado. Na dependência dos recursos econômicos da família, os meninos e as meninas seriam também separados em espaços distintos, para impedir qualquer promiscuidade entre aqueles. As relações sexuais entre os pais, enfim, passaram a acontecer no espaço exclusivo da intimidade do casal, inscrevendo-se então nos registros do secreto e do segredo (Áriès, 1973).

Este conjunto de transformações convergiu para a constituição da família nuclear, na qual se inseriam agora tão-somente as figuras dos pais e dos filhos. O poder paterno foi então relativizado, mantendo-se ainda no espaço privado; mas tendo no espaço público os seus signos mais ostensivos. Porém, a figura do pai aludida pela figura da mãe, era temida quando as crianças ultrapassavam os limites esperados com a possibilidade do castigo. O discurso freudiano alude a isso o tempo todo, de maneira literal, referindo-se assim ao castigo e à castração (Freud, 1936).

Neste contexto, a figura da mulher foi reduzida à condição de mãe, de forma que a gestão do espaço privado da família ficou inteira ao seu encargo. Estava aqui incluída não apenas a administração doméstica da casa, mas também a gestão da saúde e da educação das crianças. Vale dizer, a figura da mulher-mãe se incumbia do espaço privado da família, e das articulações com

as instituições médica e pedagógica. É evidente que ocorreu aqui um incremento do poder social da mulher, enquanto mãe, que se contrapunha ao poder paterno. No entanto, a relação entre esses poderes era ainda assimétrica, pendendo para o pólo do pai.

A hierarquia presente no processo familiar e escolar estava fortemente inscrita no processo psicobiológico da vida, ao mesmo tempo evolutivo e desenvolvimentista. A infância, a adolescência, a idade adulta e a velhice foram assim destacadas nas suas especificidades biológicas e morais (Birman, 2007).

Sabe-se que o que denominamos infância e adolescência foi uma invenção marcante do Ocidente, que ocorreu apenas na passagem do século XVIII para o século XIX (Áries, 2003). Isso porque a produção da qualidade de vida da população dependia agora de um investimento maciço nestas idades da vida, nos registros da saúde e da educação. O Capital econômico e simbólico das nações estaria aqui então condensado. A qualificação vital dos adultos, enfim, estaria na dependência estrita da qualificação dos jovens.

Antes de mais nada, a figura da mulher-mãe era o objeto de uma experiência sacrificial em nome do investimento dos filhos. A libido da mãe se condensava na gestão da ordem familiar, onde os filhos consumiam toda energia feminina.

Família! Família!  
Papai, mamãe, titia  
Família! Família!  
Almoça junto todo dia  
Nunca perde essa mania...

(Titãs)

A família patriarcal, constituída por grupos familiares de vários graus de parentesco - avós, tios, primos, etc - habitando espaços próximos e, às vezes, participantes de uma mesma atividade produtiva oferecia à criança e ao adolescente uma rede familiar de proteção, no caso de dificuldades por parte dos pais, assim como um número maior de modelos para identificação. Com a rápida migração para

os grandes centros urbanos passamos a encontrar a família nuclear, constituída por um casal e um ou dois filhos, longe do grupo familiar de origem, anônimos, isolados e solitários na multidão das grandes cidades e desenraizados de suas culturas.(Outeiral, 2007). Constitui-se assim uma outra configuração da ordem familiar bastante diferente da família nuclear moderna.

Nos anos 50 e 60, do século XX, foi desencadeado um processo radical de transformação da estrutura familiar, que perdeu algum dos seus eixos fundamentais. O movimento feminista foi um desses desencadeadores, a medida que a mulher passou a pleitear um outro lugar e uma outra posição social, pois demandava a igualdade de condições com o homem.

A mulher obtém uma definitiva inserção no mercado de trabalho e o tempo com os filhos se torna menor do que nas gerações anteriores. As mulheres saíram de casa em busca de um projeto singular de identidade, mas, em contrapartida, os homens não voltaram para compensar e equilibrar a ausência materna. Com isso, as crianças passaram a freqüentar desde muito cedo as creches e as escolas maternas, que passaram a suprir a ausência das figuras parentais.

Nas últimas décadas assistimos então às novas configurações familiares: famílias reconstituídas, com filhos de casamentos anteriores e do novo casamento, tendo este fato social o reconhecimento com a lei do divórcio; temos também a possibilidade de uma mulher ter um filho sem relações genitais com um homem, através da fertilização assistida: o desenvolvimento tecnológico nos aporta novas estruturas familiares ...

Todo este conjunto de transformações incidindo diretamente na economia mental das crianças, dos adolescentes, dos idosos, enfim da família, produzindo novas modalidades de subjetivação e de transtornos psíquicos, que passaram a caracterizar a subjetividade na contemporaneidade.

Ao comentar sobre os aspectos que envolvem o processo, estrutura e dinâmica que abarca o adolescente, sua família e a sociedade, faz-se importante considerar que esta experiência evolutiva se realiza em um momento em que a sociedade sofre intensas e rápidas transformações de uma série de paradigmas que podem ser considerados dentro do conflito “modernidade versus pós-modernidade”.

Reconhecemos hoje que o tempo das crianças e adolescentes é muito mais rápido do que o tempo dos adultos: referindo-se, evidentemente, ao tempo interno, tempo de elaboração das experiências, e não apenas ao tempo cronológico, tempo do movimento dos astros, das estações, das colheitas ou dos relógios.

Do ponto de vista de Knobel (1974), o adolescente tem uma característica muito especial em sua relação ao tempo. Ele escreve:

... é possível dizer que o adolescente vive com uma certa desconexão temporal: converte o tempo presente e ativo como uma maneira de manejá-lo. No tocante à sua expressão de conduta o adolescente parece viver em processo primário com respeito ao temporal. As urgências são enormes e, às vezes, as postergações são aparentemente irracionais (p.23).

Os adolescentes vivem, então, em função de suas transformações psíquicas, este afastamento do tempo cronológico. Esta situação é mais intensa quando a sociedade sofre, como vimos, ela própria intensas e rápidas transformações em sua concepção de tempo. A globalização fez, através das comunicações rápidas e mais fáceis, um tempo velocíssimo...

Há uma revolução global em curso no modo como pensamos sobre nós mesmos e no modo como estabelecemos laços e ligações com os outros. É uma revolução que avança de maneira desigual em diferentes regiões e culturas. E como todas as outras mudanças do mundo contemporâneo, são permeadas de incertezas e não sabemos ao certo qual o resultado disso em termos de vantagens e problemas (Araújo, 1993, p. 78).

Na sociedade humana desde os seus primórdios, sempre foi assim: durante um certo espaço de tempo, às vezes, abrangendo alguns séculos, uma série de elementos sociais, econômicos e culturais permanecem, aparentemente, estáveis até que em um determinado momento, que poderá ocupar algumas gerações, ocorre uma “ruptura”, surgindo momentos de instabilidade, incertezas e mudanças bruscas, e após uma nova etapa se estabelece. É pos-

sível, pensam alguns autores, que estejamos vivendo um terremoto – a condição pós-moderna –, período de transição entre a modernidade e o que a irá suceder ...

A pós-modernidade é um conceito multifacetado que chama a nossa atenção para um conjunto de mudanças sociais e culturais profundas que estão acontecendo neste final do século XX em muitas sociedades “avançadas”. Tudo está englobado: uma mudança tecnológica acelerada, envolvendo as telecomunicações e o poder da informática, alterações nas relações políticas, e o surgimento de movimentos sociais, especialmente os relacionados com aspectos étnicos e raciais, ecológicos e de competição entre os sexos. Mas a questão é ainda mais abrangente: estará a modernidade em si, como uma entidade sociocultural, desintegrando-se e levando consigo todo o suntuoso edifício da cosmovisão iluminista?(Lyon, 1998, p. 33).

A era pós-moderna é também reconhecida como sociedade de consumo, era da imagem, sociedade do espetáculo, era do vazio, ou do homem light. Na visão de Lipovetzky (1983), caracteriza-se pelo individualismo hedonista, personalizado e narcisista; pela apatia; pela sedução generalizada – simulação com plena consciência de jogo (Lipovetzky, 1985); pela legitimação de todos os modos de vida, pela coexistência de contrários e pela inversão dos ideais. A verdade é soterrada, a violência social é banalizada, a insignificância avança. Há uma retração do tempo social e individual, um imediatismo do aqui e agora como valor em si próprio.

Tempo que rola numa rapidez inimaginável. Só que não rola mais para frente (como queria a concepção de história vigente até o Modernismo), rola para dentro das memórias informatizadas. E, nessas memórias, os documentos da (pré) história (pós) vão virando dados computadorizados, programados, arborizados, conectados em redes. Dados programados são dados eternamente repetíveis, substituíveis, voláteis. O que chamávamos de realidade ou vida vira rede-teia de conexões. Decifrar a realidade é decifrar suas teias. Ler estruturas e conexões. Apreender interstícios. (Santaella, 1996, p.93).

O conceito de virtual retoma a questão da atualização do tempo. Não se trata de um tempo eterno sem início e nem fim como pensava Aristóteles e também Einstein. Nem do tempo do eterno retorno. Trata-se do tempo em sua irreversibilidade. É no futuro do tempo real e na dependência da ação que o virtual se atualiza.

Buscamos assim, mediante ações, a atualização (ou não atualização) do virtual em uma tentativa de determinar o tempo futuro. E não é apenas o futuro que, pela virtualidade, se antecipa. O passado também se presentifica. O terapeuta conhece isto muito bem. Sabemos que o tempo cronológico de uma sessão de terapia é a possibilidade de atualização de muitos outros tempos: do pretérito revivido, do futuro que pode se perfilar com novos sentidos criando aberturas para o não vivido, escapando da repetição do passado.

De tempos em tempos... Na contemporaneidade vivemos todos os tempos em um só tempo. A pós-modernidade tem esta característica; a coexistência de todos os tempos... Estamos imersos no tempo do desamparo, convivemos com o tempo da barbárie – onde é tão possível o pai matar uma filha, como um neto matar uma avó; estamos também no tempo da modernidade – onde o tempo do relógio uniformiza as pessoas, há um tempo para nascer, para crescer, tempo para viver e para morrer... Agora vamos a pós-modernidade, todos podem ser desejantes ao mesmo tempo, e a diferença entre a condição do adolescente e a que se faz presente no adulto e na velhice tendem cada vez mais a se esfumçar e até mesmo se apagar. Vivemos em um tempo sem demarcação de tempos, não existe demarcação entre as estações do ano; já não é tempo da primavera, assim como não existe a demarcação entre o infante, o adolescente e o adulto, cada um invade o tempo interno do desenvolvimento do outro.

O reino encantado chega ao fim. A criança vira paródia dos devaneios adultos na era pós-industrial. A infância talvez tenha sido a mais duradoura das utopias concebidas pela modernidade. Como tantos outros ideais imaginados nos últimos 200 anos, o do mundo maravilhoso das crianças também entra em crise na era pós-industrial e pós-moderna. O aumento da violência contra crianças e o da criminalidade infantil, o abandono e o sacrifício a

que estão sujeitas no centro e na periferia do capitalismo, o excesso de produtos tecnológicos destinados ao seu consumo não fazem hoje mais o que explicitar o outro lado deste sonho: uma criatura perversa do próprio mundo adulto. (**Caderno Mais**, da Folha de São Paulo, 24 de julho de 1994)

No final dos anos 60, o autor francês G. Debord denominou de sociedade do espetáculo as modalidades originais de sociabilidade que então se forjavam, enquanto o norte-americano Lasch as interpretou segundo a lógica da cultura do narcisismo, no final dos anos 70. Tudo isso pode ser considerado variantes de uma mesma matriz, qual seja, o pós-modernismo. Pela concepção de pós-modernidade, alguns teóricos procuravam enunciar um conceito genérico capaz de dar conta das socialibilidades inéditas que estavam se tecendo, que indicavam uma ruptura com a modernidade.

Christopher Lasch foi um dos primeiros a estudar as relações entre crise do capitalismo na sociedade ocidental e subjetividade. Lasch anunciou a substituição das neuroses sintomáticas por distúrbios de caráter caracterizadas pelo narcisismo patológico e relacionadas por ele a mudanças específicas na sociedade. Diz ele que a alteração do sentido do tempo, intenso temor ao envelhecimento e à morte, fascínio pela celebridade, deterioração das relações entre os homens, declínio do espírito lúdico, negação feroz da dependência ao outro, são alguns dos padrões característicos da cultura contemporânea, fortemente narcísica. As condições de vida transformam a família e esta, por sua vez, modela a estrutura do sujeito, favorecendo o afloramento de traços narcisistas presentes em todos nós. Todavia, é indispensável compreender que o processo se dá em via de mão dupla, pois contribuições individuais terão, por sua vez, o efeito de realimentar o que Lasch denominou cultura do narcisismo.

Pelos imperativos da estetização da existência e da inflação do eu, pode-se fazer a costura entre as interpretações de Debord e Lasch, já que a exigência de transformar os incertos percalços de uma vida em obra de arte evidencia o narcisismo que o indivíduo deve cultivar na sociedade do espetáculo. Nessa medida, o sujeito é regulado pela performatividade mediante a qual compõe os gestos voltados para a sedução do outro. Este se torna apenas um obje-

to predatório para o gozo daquele e para o enaltecimento do eu. As individualidades se transformam, pois, em objetos descartáveis. Com isso o sujeito perde em interioridade, e ressalta a exterioridade; nesse sentido ele se transforma numa máscara, para a exibição fascinante e para a captura do outro. Pode-se depreender, com facilidade que a alteridade e a intersubjetividade são modalidades de existência que tendem ao silêncio e ao esvaziamento.

Essa nova ordem favorece a legitimação de um novo tipo de subjetividade. Homens e mulheres passam a preferir a aventura à segurança. Agenciados, como diz Birman (1999) “em suas modalidades de satisfação e de gozo a partir daquilo que lhes possibilitam as ordens social e política, assim como os mecanismos de distribuição de riqueza”, tornam-se ávidos por consumir novidades e avessos a compromissos estáveis, tendendo a explorar ao máximo as possibilidades imediatas de prazer em detrimento com o futuro e com o outro.

A tese que o mal-estar na cultura assume novas configurações nesses tempos chamados pós-modernos possui defensores importantes também em outras áreas do conhecimento. Entre estes um dos mais reconhecidos é o sociólogo Zygmunt Bauman.

O Ocidente vive hoje não propriamente uma crise, das instituições políticas e culturais, das normas morais e éticas, da sensibilidade e das mentalidades, mas uma grande mutação, fruto de dois fenômenos incontroláveis, a globalização e a revolução tecnocientífica. Uma nova era, que dá nova configuração ao mundo, torna obsoletas as noções de saber, poder e história, e, com isso, a própria idéia do homem e seus valores. Lemos, por exemplo, na epígrafe de *Os Exilados do Diálogo*, um dos últimos textos publicados pelo filósofo francês Jean Baudrillard: Marx sempre disse que os filósofos se contentaram em interpretar o mundo e de que agora se trata de transformá-lo, mas, “hoje, não basta transformar o mundo. Isso já acontece de alguma maneira. O que é preciso, urgentemente, é interpretar essa transformação – para que o mundo não se transforme sem nós, e para que não se tornem finalmente um mundo sem nós”. (Baudrillard, 1988, p.26).

O homem se sente estranho no próprio ninho que criou, além de que as línguas parecem estar crescendo muito mais velozmente do que a capacidade humana de adaptação a esse crescimento na readequação de seus valores éticos e estéticos. (Santaella, 1996, p.92).

“Lar, doce lar...” “estou de volta para casa...” enfim, tantas e outras falas, ditos e frases, que nos recordam a casa paterna, o porto seguro, um lugar onde chegar...condição cada vez mais rara nos dias de hoje e que nos remetem a outro tempo da história do homem.

Em tempos de indefinição e de incerteza como os de hoje, o mal estar se coloca na ordem do dia. É preciso evocar aqui que a expressão mal-estar na atualidade foi retirada diretamente daquilo que Freud enunciou no final dos anos 20 sob o título de mal-estar na civilização (Freud, 1930). Neste sentido, tal como foi teorizado por Freud, o sujeito psicanalítico, enquanto filho da Modernidade, pressionado pelos valores da época e pela expectativa social nele depositada; vivia em permanente conflito, presa fácil da angústia, oscilando entre a culpa de seguir os próprios desejos e a insatisfação resultante da renúncia a eles. Com efeito, mediante a leitura freudiana do mal-estar na civilização, estamos diante da crítica psicanalítica da modernidade (Birman, 2007, p.17).

Enquanto na clínica de Freud predominavam os sintomas neuróticos, a clínica psicanalítica contemporânea enfrenta, além destes, outros desafios. O sofrimento subjetivo se manifesta mais e mais sob a forma de sintomas narcísicos e depressivos em sujeitos que mostram dificuldades para articular numa narrativa as próprias histórias, vivências e dores. Empobrecidos em suas atividades fantasmáticas, encontram-se às voltas com o vazio do sentido, o vazio da palavra, o vazio da solidão, o vazio da identidade. Esperam alívio rápido de seus males, mas relutam em aceitar a perspectiva de longo prazo e a regularidade de encontros que o trabalho analítico demanda.

Nessas ditas patologias do vazio sempre há uma fome psíquica de experiências reais, autênticas.

A gênese do vazio aninha-se na orfandade mental crônica: de não sentir-se reconhecido ou amado de verdade, devido a sucessivas experiências frustradas de encontros afetivos. Os abortos e desmames psíquicos, padecidos na história pessoal, cavam o vazio e o terror mental. As rupturas simbióticas acentuam o tédio vital, um fastio vazio. (Lisondo, 2004, p.342).

O vazio mental é o abismo infernal do desencontro humano, fazendo com que muitos pacientes sintam-se como sobreviventes, exilados do mundo humano pelas privações afetivas sofridas.

Comumente, na atualidade, encontramos o homem lidando com a falta; a falta do lar, a falta da casa, a falta de uma família – qualquer que seja sua configuração – falta ao homem a possibilidade de um abrigo, onde ele possa deixar repousar seus conflitos, pensamentos e sentimentos que são arrastados pelas vivências ao longo de um dia - vida.

Sabemos que a pobreza da construção de interioridade está intimamente ligada à pobreza das relações intersubjetivas, que sem o exercício de convivência tomam a forma de relações de consumo e da posse do outro em lugar de relações interpessoais para a construção de sentido de uma existência. Exemplo disso é a ilusão que se cria de que a subjetividade possa ser construída artificialmente, via consumo de produtos. A ilusão é de que os problemas possam ser resolvidos sem uma participação direta do indivíduo, sem o tecer laborioso de pensamentos que o enfrentamento dos conflitos exige. A construção da subjetividade exige viver a própria realidade psíquica. Substituir essa realidade pela virtual é cair na deterioração mental e potencializá-la. A tentativa de preencher com realidade virtual o vazio existencial é trágica.

Estamos diante do homem pós-moderno, que na contemporaneidade encontra-se sem o abrigo do encontro e do contato emocional, sem possibilidade de integração interna frente às demandas externas do nosso tempo. É um homem sem –teto-mente, possui uma subjetividade fragilizada que vai perdendo a capacidade de sonhar seu projeto de identidade; demonstra des-amparo e des-enraizamento e não encontra mais seu lugar na cultura atual, que já não oferece acolhimento às suas angústias.

Do homem das cavernas, ao homem da Antiguidade, da Idade Média, do Iluminismo e do Modernismo, encontramos em cada evolução as mudanças paradigmáticas, transformações essas que marcaram a passagem de um tempo para outro. Esse processo de revolução de certa forma, sempre denotou linearidade, uma linha contínua de avanços e saltos, gerando transformações na vida íntima e social; o homem estava no centro e o mundo e a ciência em função dele.

Na pós-modernidade, porém, não falamos mais de inovação e transformação impulsionadas para o bem do homem, falamos já de um processo de mutação do homem e do mundo em que vivemos.

Esse acontecer “de alguma maneira” é o trabalho da tecnociência. Pela primeira vez na história, entramos em um mundo que, concebido pelo homem, certamente não é regido por ele, mas pela ciência-poder. O grande problema que se põe é que não sabemos propriamente onde estamos e para onde vamos porque o movimento vertiginoso da revolução técnica escapa ao entendimento. É essa peculiaridade dessa mutação: se tomarmos o exemplo das mutações que nos precederam – o Renascimento e o Iluminismo -, veremos que elas foram acompanhadas não só de revolucionárias visões de mundo na política, nas artes, nas ciências, nas mentalidades e costumes, mas também deram origem a outras revoluções. (Aduino Novaes, 2007, p.87).

Hoje, no mundo-casa do homem ele não é mais essencial, o homem vai se tornando obsoleto, já pode ser descartado, os artificios criados por ele, já são melhores que ele e geridos por si só. De acordo com Bauman (2007), estamos na época dos refugos humanos, já sobram homens que são rejeitados pelas fábricas, escolas e famílias, homens a margem do avanço tecnológico, homens sem intenção de uso...

A velocidade impressa nas mudanças do mundo pós-moderno não favorecem a construção de tudo aquilo que exige tempo, e a construção do Ser Humano exige tempo... Todas experiências humanas que precisam de tempo ficam comprometidas, a amiza-

de, a família, o amor “tudo que exige tempo hoje não tem lugar no mundo” (Olga Matos, 2006); já não há tempo para os pais formarem seus filhos, não há tempo para se brincar na infância, não há tempo para os conflitos da adolescência, resta hoje uma dissociação do tempo onde a maturidade precisa chegar logo sem passar pela dependência – independência, onde a subjetividade interage com a precocidade das estimulações externas, onde o tempo coletivo das festas típicas e do encontro foram substituídos pelo tempo narcísico e digital.

Esse é o tempo atual, tempo de caos e transbordamentos, ... em momentos de grande dificuldades uma boa saída é retornar à simplicidade. Em artigo recente, Giovannetti (2006) trata da condição de hospitalidade na atualidade, “nestes novos tempos de não-lugares e não fronteiras”. Diz ele com ênfase na perspectiva intra-psíquica que precisamos desenvolver uma condição interna de hospedar os conteúdos que vagam sem continência dentro da nossa mente.

Falando sobre a hospitalidade absoluta, incondicional, Derrida escreve o seguinte:

“Digamos sim ao que chega, antes de toda determinação, antes de toda antecipação, antes de toda identificação, quer se trate ou não de um estrangeiro, de um imigrado, de um convidado ou de um visitante inesperado, que o que chega seja ou não cidadão de um outro país, um ser humano, animal ou divino, um vivo ou um morto, masculino ou feminino”. (Derrida, 2003, p. 55).

Dizer sim ao que chega é uma condição de recepção do outro em si e de si em si mesmo. Dizer sim ao que chega “um ser humano, animal ou divino”. Trata-se de receber o que há de animal, de divino, de vivo, de morto, de masculino e de feminino, partes essas evocadas dentro de nós mesmos que carecem compreensão, partes que buscam integração em nosso íntimo, partes fomentadas violentamente nesta família-cultura contemporânea.

De tempos em tempos...eis a sua, a nossa família.

Nossa subjetividade é construída nesse tempo, com todas as interferências, riscos e conseqüências que decorrem dele. Que

você, leitor, possa continuar seu passeio pela História que agora se constitui na construção da sua própria história, na construção da sua família pós-moderna.

## Referências

- Araújo, M. F. (1993). *Família igualitária ou democrática? As transformações atuais da família no Brasil*. Dissertação de Mestrado não publicada. Pontifícia Universidade Católica, São Paulo.
- Ariès, P. (1973). *L'enfant et l'avie familiale sous l'ancien regime*. Paris: Seuil.
- Ariès, P., & Chartier, R. (1991). *História da vida privada 3: Da Renascença aos séculos das luzes*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Baudelaire, C. (1996). *Sobre a modernidade*. São Paulo: Paz e Terra. (Originalmente publicado em 1869).
- Bauman, Z. (1998). *Globalização: As conseqüências humanas*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Bauman, Z. (2005). *Identidade: Entrevista a Benedito Vecchi*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Bion, W. R. (1966) *Aprendiendo de la experiência*. Buenos Aires, Argentina: Paidós.
- Bion, W. R. (1983). *Transformações: Mudança do aprendizado ao crescimento*. Rio de Janeiro: Imago.
- Bion, W. R. (1994a). Ataques ao elo de ligação. In W. R. Bion, *Estudos psicanalíticos revisados: Second thoughts* (pp. 109-126). Rio de Janeiro: Imago. (Originalmente publicado em 1967).
- Bion, W. R. (1994b). Diferenciação entre a personalidade psicótica e a personalidade não-psicótica. In W. R. Bion, *Estudos psicanalíticos revisados: Second thoughts* (pp. 55-77). Rio de Janeiro: Imago. (Originalmente publicado em 1967).
- Birman, J. (2007). *Mal-estar na atualidade: A psicanálise e as novas*

- formas de subjetivação*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Birman, J. (2006). Subjetividades contemporâneas. In J. Birman, *Arquivos do mal-estar e da resistência* (pp. 171-196). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- D’Amaral, M. T. (1996). O vigor da cultura comunicacional: O paradoxo moderno contemporâneo. In M. T. D’Amaral, *Contemporaneidade e novas tecnologias* (pp. 152-153). Rio de Janeiro: Sette Letras.
- Debord, G. (1967). *A sociedade do espetáculo*. Paris: Gallimard.
- Derrida, J. (2003). *Anne Dufourmantelle convida Jacques Derrida a falar da hospitalidade*. São Paulo: Escuta.
- Freud, S. (1974). *O mal-estar na civilização* (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. 21, pp. 81-174). Rio de Janeiro: Imago. (Originalmente publicado em 1930).
- Freud, S. (1976). *Novas conferências de introdução à psicanálise* (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. 22, pp. p. 167-192). Rio de Janeiro: Imago. (Originalmente publicado em 1933).
- Lasch, C. (1983). *A cultura do narcisismo: A vida Americana numa era de esperanças em declínio* (E. Pavaneli, Trad.). Rio de Janeiro: Imago.
- Lyon, D. (1998). *Pós-modernidade*. São Paulo: Paulus
- Lipovetsky, G. (1997). *O império do efêmero: A moda e seu destino nas sociedades modernas*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Lyotard, J.-F. (1996). *La posmodernidad*. Barcelona, Espanha: Gedisa. (Originalmente publicado em 1985).
- Matos, O. (2007). Tempo e filosofia: É preciso reconquistar o tempo. In *Caros amigos: Pós-Humano: O Desconcertante Mundo Novo*, 11 (36), 11-13.
- Mendes, C. (2007). *Baudrillard e a pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro.
- Novaes, A. (2007). *Mutações: O mundo em nova configuração*.

*Caros Amigos: Pós-Humano: O Desconcertante Mundo Novo*,  
11 (36), 6-7.

Outeiral, J. (1992). *Adolescer*. Porto Alegre, RS: Artes Médicas.

Outeiral, J. (2000). *Clínica psicanalítica de crianças e adolescentes*.  
Rio de Janeiro: Revinter.

Santaella, L. (1996). *Cultura das mídias*. São Paulo: Experimento.

Santos, B. de S. (1988). Um discurso sobre as ciências na transição  
para uma ciência pós-moderna. *Estudos Avançados*, 2 (2),  
46-71.

---

*Recebido em 12 de maio de 2010*

*Aceito em 7 de julho de 2010*

*Revisado em 4 de agosto de 2010*